

UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE - UNESC

CURSO DE ARTES VISUAIS - LICENCIATURA

BRENO STERN CRUZ

O ESTEREÓTIPO NA ARTE EM SALA DE AULA

CRICIÚMA/SC

2012

BRENO STERN CRUZ

O ESTEREÓTIPO NA ARTE EM SALA DE AULA

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado para obtenção do grau de licenciado no curso de Artes Visuais da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC.

Orientadora: Prof.Ma.Aurélia Regina de Souza Honorato

CRICIÚMA/SC, 2012

BRENO STERN CRUZ

O ESTEREÓTIPO NA ARTE EM SALA DE AULA

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado pela Banca Examinadora para obtenção do Grau de Licenciado, no Curso de Artes Visuais da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC, com Linha de Pesquisa em Educação e Arte.

Criciúma, 27 de Novembro de 2012

BANCA EXAMINADORA

Prof. Aurélia Regina de Souza Honorato - Mestre (UNESC) - Orientadora

Prof. Marcelo Feldhaus – Especialista (UNESC)

Prof. Odete Angelina Calderan - Mestre (UFSM)

**À minha querida Ângela (Dada) e à minha
filha Thalia (in memoriam)**

AGRADECIMENTOS

Gratidão para mim é uma palavra mágica, uma palavra chave quando falo de vida, em bem viver. A oportunidade de voltar ao meio acadêmico, já com mais de cinquenta anos de vida, e ainda mais na área que sempre norteou minha existência emocional, instigado e inspirado por mestres como Charles Mayer e Iberê Camargo que me diziam para fazer uma faculdade de Artes. Sem falar no convívio diário com jovens de mente aberta e coração acolhedor, o encontro com professores(as) da mais alta qualidade, o cotidiano na Universidade, os exaustivos e recompensadores trabalhos em grupo, a saudade depois de períodos de férias..... Agradeço à Unesc, como Instituição, que me proporcionou um aprendizado sólido e diferenciado, mudando conceitos e abrindo portas e corações, além da visibilidade profissional na cidade de Criciúma e região.

À minha orientadora Ma. Aurélia Regina de Souza Honorato, pela paciência e sabedoria, e a todos os professores que durante essa trajetória me ajudaram a reedificar um novo propósito de vida.

À minha querida Ângela (Dada), incansável e amável companheira, sempre disposta ao diálogo e às mudanças. À minha filha Thalia, in memoriam, saudades eternas.

E a todos os colegas, amigos e aqueles que fizeram parte dessa caminhada de quatro anos, que agora chega ao final, já deixando saudade e um vazio a ser preenchido.

**“E aqueles que foram vistos dançando
foram julgados insanos por aqueles que não
podiam escutar a música”. (Nietzsche)**

RESUMO

Esta pesquisa surgiu a partir da percepção da recorrência de estereótipos em produções artísticas de alunos em sala de aula, nos estágios obrigatórios que realizei durante o Curso que agora concluo. E de que maneira poderia ocorrer a atenuância, diminuição dos estereótipos, exercitando outros olhares com produções diferentes, mais elaboradas, rebuscadas e com sentido mais humanizador. Optei por realizar a pesquisa no formato de um Espaço de Narrativas, convidando seis professores com experiência em docência no Ensino Médio, para um debate sobre o problema por mim levantado nesse trabalho. A pesquisa deu-se por meio de questionamentos e diálogos sobre o tema/problema, buscando soluções e apontando formas de atenuar a recorrência do estereótipo nas produções artísticas dos alunos. A partir da análise dos dados coletados na pesquisa, da fala e da escrita dos professores participantes, consegui identificar os caminhos propostos, com os autores escolhidos por mim no início do trabalho, como Freitag (1987), quando fala da semi educação, Stuart Hall(1993), nos traz a diversidade cultural e a hegemonia da cultura eurocêntrica, e Ramalho e Oliveira(2007), que alerta para os conteúdos culturais de fácil digestão. E como artista e professor, pretendo exercitar a pesquisa incessante de novos caminhos para o distanciamento do estereótipo, pois sabemos o quanto ele distancia e atrasa o desenvolvimento crítico, reflexivo e a autonomia dos alunos.

Palavras-chave: Estereótipo. Arte-educação. Educação estética. Educação do Sensível.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AMA – Associação de Amigos do Autista

CEIM – Centro de Educação Infantil Municipal

EEEB – Escola Estadual de Educação Básica

FCC – Fundação Cultural de Criciúma

FUCRI – Fundação Universitária de Criciúma

PCN – Parâmetros Curriculares Nacionais

SESC – Serviço Social do Comércio

SESI – Serviço Social da Indústria

UNESC – Universidade do Extremo Sul Catarinense

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	10
2 CAPÍTULO I ESTEREÓTIPO.....	14
3 CAPÍTULO II ENSINO DA ARTE	17
4 CAPÍTULO III EDUCAÇÃO ESTÉTICA.....	20
4.1 OLHAR ESTÉTICO	20
4.2 - A EXPERIÊNCIA ESTÉTICA.....	22
4.3 A EDUCAÇÃO DO SENSÍVEL	24
5 CAPÍTULO IV METODOLOGIA.....	26
6 CAPÍTULO V ANÁLISE DE DADOS E DIÁLOGO COM A TEORIA	29
6.1 IDENTIFICAÇÃO	29
6.2 RECORRÊNCIA DO DISPOSITIVO ESTEREÓTIPO	30
6.3 ATENUÂNCIA (CAMINHOS).....	31
7 CAPÍTULO VI - PROJETO DE CURSO	34
8 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	37
REFERÊNCIAS	388
ANEXO 1 RESPOSTAS AOS QUESTIONÁRIOS APLICADOS	40
ANEXO 2 DIÁLOGOS GRAVADOS.....	47

1. INTRODUÇÃO

Tenho em meus cinquenta e cinco anos de vida a memória recheada de signos e símbolos adquiridos durante a minha trajetória como cidadão e também como artista plástico, ocupação que escolhi ainda muito jovem, como objetivo e perspectiva de vida, em se falando de realização pessoal como sujeito.

Sou de uma geração que sempre buscou saber a origem dos acontecimentos, apaixonado por história e, conseqüentemente pela arte. Desde muito cedo tive contato com essa forma de representação da realidade.

Depois de décadas exercitando pesquisas em artes visuais, técnicas e meios, comecei a perceber a presença da repetição corriqueira de imagens em produções artísticas veiculadas midiaticamente e mesmo em espaços culturais, que a meu ver, tinham o propósito de vender alguma ideia, impor algum costume ou hábito. Já em 2009, cursando Artes Visuais – Licenciatura, na Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC, em Criciúma - Santa Catarina, é que meu interesse pelo tema eleito para a pesquisa, o estereótipo, se tornou o centro de minha preocupação na futura profissão por mim escolhida, a de educador.

A partir dos estágios obrigatórios I e II, nas séries iniciais e finais do Ensino Fundamental, no contato com os estudantes é que percebi a repetição exaustiva de estereótipos em suas produções artísticas. Mesmo em minha sala de aula, na Universidade onde concluo estudo, é comum a presença desse elemento nas produções artísticas e no discurso e comportamentos dos(as) colegas, o que me deixa bastante intrigado quanto à força que esse dispositivo exerce no imaginário coletivo.

Já no Estágio III, com o Ensino Médio percebi que a situação era mais grave. Além de o estereótipo manifestar-se no comportamento dos adolescentes, por meio da repetição de atitudes veiculadas pela mídia televisiva, como indolência, agressividade, machismo, homofobia e sexismo, não abre espaço para que estes jovens tenham interesse na busca de um repertório artístico/cultural diferenciado daquele imposto diariamente pela indústria de comunicação de massa.

O problema de pesquisa que se apresenta perante mim a partir das reflexões dessas experiências vividas é: Quais os caminhos possíveis para atenuar o efeito dos estereótipos nas produções artísticas dos estudantes adolescentes do Município

de Criciúma/SC, no dizer de seus professores de arte?

Minha pesquisa caminha ao encontro da identificação e reconhecimento dos estereótipos nas produções artísticas dos jovens estudantes. Muitos dos jovens se valem dos mesmos símbolos e signos para expressarem seus pensamentos, mas na verdade apenas reproduzem signos, símbolos impostos cotidianamente pela indústria da comunicação de massa, principalmente através da mídia televisiva e impressa.

Isso não apenas os distancia de sua realidade, como cria uma sensação de auto exclusão e recusa do mundo à sua volta, de seus costumes, situação social e formas de integração entre eles mesmos. Questiono-me se ao identificá-los com a realidade do seu cotidiano, podemos humanizá-los, afastando-os assim dos conceitos estereotipados de crueldade, violência e exclusão, decorrentes dessa postura assumida, sem nenhum questionamento.

Penso que o professor de arte, em suas aulas, pode mostrar aos estudantes/adolescentes do Ensino Médio, que a absorção de valores e modelos culturais, sem crítica, sem reflexão, pode limitar a sua autonomia e descaracterizá-los como sujeitos transformadores do seu próprio mundo, comunidade, situação social.

Como objetivo geral da minha pesquisa quero perceber junto aos professores de arte quais os caminhos possíveis para atenuar os efeitos dos estereótipos nas produções artísticas dos estudantes do ensino Médio na Rede Pública de Criciúma.

No primeiro capítulo conceituo estereótipo e apoiado em autores como NEALE (1980), SHOHAT e STAM(2006) SKLIAR(2001), e LIPPMANN(2008) procuro justificar o meu interesse por esse tema/problema, pois além de parecer ingênuo, ele provoca mudanças radicais no comportamento das pessoas, principalmente nos jovens em formação, e, além disso, age norteado por uma linha política ideológica muito bem definida, visando a manipulação e a normatização do coletivo.

Já no segundo capítulo, abordo o Ensino da Arte e os caminhos apontados pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), conceitualizando arte como conhecimento, de mundo, de culturas e provocadora de experiências enriquecedoras, instigando os estudantes à pesquisa, à crítica e à reflexão.

Freitag (1987) e Ramalho e Oliveira (1998) nos alertam para a questão da semi-educação, gerada pela mídia institucionalizada, passando por Gillo Dorfles

(1987) e Pareyson (1989) que nos aproximam da necessidade do olhar apurado, estético, da aproximação e ressignificação da realidade.

Início o terceiro capítulo, Educação Estética, com o Olhar Estético, respaldado por Duarte Júnior (2001), que nos alerta para a ausência de lazer e ocupações artístico culturais em nossas vidas e com Jorge Larrosa Bondía (2002) que nos brinda com a questão da experiência; experiência esta que é afastada, negada e até repudiada quando pensamos na adoção de ações formatadas, estereotipadas, copiadas, onde o fazer, o experimentar não estão incluídos, não existe tempo para esse tipo de coisa.

Ainda nesse capítulo, trago a Experiência Estética como condição imprescindível para a apropriação dos signos existentes no mundo real, de seus sentidos e valores, citando Perissé (2009, p.41-2) como um autor que me auxilia nessa busca com o seu dizer, quando afirma:

[...] interessa-nos aquilatar como a formação estética contribui para a vida intelectual e profissional do professor. Formar-se é entrar em contato com valores de toda ordem. Especificamente, o contato com valores estéticos (e também com informações, dados, terminologia estética...) deve ser ocasião para vislumbrarmos projeto de vida humanizadores.

E ainda neste mesmo capítulo apresento a Educação do Sensível, para a qual encontro referências em Veiga (2000) e Schmidt (2007), no sentido de reafirmar a necessidade da sensibilização dos estudantes, com práticas que despertem neles a apreciação do diferente, do estranhamento e rompimento de barreiras conceituais, com dicotomias e aprisionamento em termos de imagens já (re)conhecidas.

Meu desejo com essa pesquisa é chamar a atenção dos professores de arte, para a presença, a identificação e a recorrência dos modelos estereotipados nas produções dos alunos, tanto do Ensino Médio, como no Ensino Fundamental . E quais as prováveis ações para atenuar a recorrência desse dispositivo no imaginário dos estudantes, oferecendo-lhes algo diferenciado, tanto o contato com produções diferenciadas, como a proposta de atividades envolvendo linguagens da arte não exploradas nas aulas de arte, como a instalação, a performance, a linguagem teatral, o experimento de técnicas alternativas e uso de materiais comuns no dia a dia, ressignificando-os. Isso, com certeza, desperta nos estudantes um interesse maior pela disciplina de arte, pois esta é uma linguagem poderosa, que possibilita afirmação identitária e desperta o potencial de cada um, em termos criativos e

lúdicos, fortalecendo os laços entre eles como identidade do grupo, do coletivo, da turma.

2. CAPÍTULO I ESTEREÓTIPO

Segundo Lippmann (2008, p. 304), estereótipo:

É a imagem preconcebida de determinada pessoa, coisa ou situação. São usados principalmente para definir e limitar pessoas ou grupo de pessoas na sociedade. Sua aceitação é ampla e culturalmente difundida no Ocidente, sendo um grande motivador de preconceito e discriminação. Conceito infundado sobre um determinado grupo social, atribuindo a todos os seres desse grupo uma característica, frequentemente depreciativa; modelo irrefletido, imagem preconcebida e sem fundamento. Estereótipo também é muito usado em Humorismo como manifestação de racismo, xenofobia, machismo, intolerância religiosa e homofobia. É muito mais aceito quando manifestado desta forma, possuindo salvo-conduto e presunção de inocência para atingir seu objetivo.

Esta segunda conceituação, de índole ostensivamente política, apresenta os estereótipos como construções simbólicas enviesadas, infensas à ponderação racional e resistentes à mudança social. A disseminação, pelos meios de comunicação de massa, de representações inadequadas de estrangeiros, classes sociais e outras comunidades é destacada por um sensível problema para o processo democrático, cujo desenvolvimento demanda a opinião esclarecida de cada cidadão a respeito de questões capitais da vida política e social.

É um grande equívoco acreditarmos que o estereótipo, enquanto manifestação cultural é apenas modismo; trata-se de um *dispositivo*¹ de forte poder político/ideológico, tendo a indústria da comunicação de massa como o seu veículo de propagação.

Segundo Steve Neale (1980, p.261) ao tratar dos limites do estereótipo, a abordagem baseada nos estudos dos estereótipos e a análise de constelações repetidas e perniciosas de traços de personalidade têm feito uma contribuição indispensável ao revelar padrões opressivos de preconceito no que, à primeira vista, poderia parecer um fenômeno aleatório e esporádico; enfatizar a devastação psíquica infligida através dos retratos sistematicamente negativos sobre suas vítimas seja através da internalização do estereótipo, seja através dos efeitos negativos de

¹ O conceito de dispositivo na perspectiva de Foucault se aplica às formações sociais, como é o caso do discurso social, amplamente estudado por ele, onde estão implicadas diversas dimensões que devem ser consideradas para a sua compreensão, pois são constitutivas do discurso. Essa visão multidimensional também se aplica ao campo comunicacional ou midiático, onde é preciso levar em conta a multidimensionalidade para compreender os processos que se desenvolvem. <http://www.ec.ubi.pt/ec/01/docs/artigos/klein-otavio-genese-do-conceito-de-dispositivo.pdf> acessado em 30-nov de 2012 buscar no livro a Ordem do Discurso, 1997.

sua disseminação; e assinalar a funcionalidade social dos estereótipos demonstrando que eles não constituem erros de percepção, mas uma forma de controle social, exemplos do que Alice Walker (1989) chamou de “prisões de imagens”².

Não pretendo com a minha pesquisa buscar soluções para esse grande problema sócio/cultural de nossos dias, que afeta principalmente os jovens, mas buscar uma maneira dentro do processo de ensino da arte que amenize os seus efeitos nocivos, que provocam nos estudantes a fuga, a negação e o afastamento da experiência como fonte de aprendizado.

Procuro uma confirmação através daqueles autores, teóricos e estudiosos, que já navegaram antes de mim por esse universo socialmente afetado por formas de controle individual e coletivo, impedindo a autonomia do sujeito enquanto estudante, a sua emancipação como cidadão e o seu desenvolvimento como ser cultural, fazedor e transformador de seu meio.

Sabemos que toda a cultura depende de fatores como época, local, situações econômicas e políticas, mas também acredito que podemos transformar a nossa sociedade a partir da nossa própria transformação, buscando saídas para conceitos e fórmulas tidos como perenes, os quais geram preconceitos e atraso em termos educacionais e sociais.

Assistimos na televisão a comerciais institucionais, que nos alertam que mesmo sendo a sexta economia do mundo capitalista, o Brasil sofre a influência massiva da cultura estadunidense, a qual impõe a sua forma de pensar e de agir através de sua publicidade e de seus métodos educacionais.

Vivemos em uma lógica binária, onde devemos aceitar os preceitos e modismos impostos midiaticamente, ou nos tornamos imediatamente inimigos do sistema, ao não aderirmos de imediato e impensadamente ao proposto como forma ideal de vida. A partir disso passamos a nomear ao outro como diferente, estranho, por não concordar e aderir ao oferecido pelos países do Primeiro Mundo³.

Segundo Duschatzky & Skliar (2001, p. 123):

Dessa forma, o estereótipo, que é uma de suas principais estratégias

² Citado em *Prisoners of Image: Ethnic and Gender Stereotypes*, Nova York, Alternative Museum, 1989.

³ Os países da Europa Ocidental e da América do Norte, alinhados com os mesmos propósitos colonialistas e imperialistas se auto denominam Primeiro Mundo.

discursivas, acaba sendo uma modalidade de conhecimento e identificação, que vacila entre aquilo que está sempre em um lugar já conhecido, ou melhor, esperado, e algo que deve ser ansiosamente repetido. É essa ambivalência, na opinião de Bhabha (1994, ob. Cit.), o que permite sua eficácia e validade: garante sua repetição em conjunturas históricas e discursivas completamente diferentes; centra suas estratégias de individuação e marginalização; produz aquele efeito de verdade probabilístico e preditivo que sempre deve ser excessivo, para aquilo que pode ser demonstrado empiricamente ou explicado logicamente.

A eficácia do estereótipo não nos dá margens para que possamos questioná-lo como ferramenta de manipulação e imposição de hábitos e costumes, desviantes do processo de auto conhecimento e de identificação individual ou coletiva.

Prega a normatização de todos, afastando opiniões diversas e comportamentos de abstenção quanto às suas intenções formativas. E de acordo com Shohat e Stam (2006), o estereótipo não é uma atitude psicológica ingênua, senão que contém formas opressivas permite um controle social eficaz e produz uma devastação psíquica sistemática na alteridade.

3. CAPÍTULO II

ENSINO DA ARTE

Ao ensinar arte, devemos ter bem claro que a simples transmissão de fórmulas ou conceitos quanto a símbolos, uso de materiais, técnicas, não têm quase nenhum significado se não for acompanhado pela experiência, pelo uso e contato com o fazer, experimentar, acertar e errar, descobrir, inventar. De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais – Arte (BRASIL, 1997, p.25) o ensino da arte consiste:

[...]na experiência de fazer formas artísticas e tudo o que entra em jogo nessa ação criadora: recursos pessoais, habilidades, pesquisa de materiais e técnicas, a relação entre perceber, imaginar e realizar um trabalho de arte; na experiência de fruir formas artísticas, utilizando informações e qualidades perceptivas e imaginativas para estabelecer um contato, uma conversa em que as formas signifiquem coisas diferentes para cada pessoa; na experiência de refletir sobre arte como objeto de conhecimento, onde importam dados sobre a cultura em que o trabalho artístico foi realizado, a história da arte e os elementos e princípios formais que constituem a produção artística, tanto de artistas quanto dos próprios alunos.

É nesse sentido que oriento a pesquisa, questionando essa forma de educar a partir de imagens prontas, exaustivamente repetidas, e também o uso de obras de arte de artistas famosos, as famosas releituras, nas quais os estudantes não têm a mínima chance de refletir sobre a atividade, que se torna mecânica, automática e maçante, não deixando nenhum vestígio de aprendizado nesse simples fazer como ato de copiar, reproduzir.

Em seus estudos, Freitag (1987, p.67) utiliza-se de um exemplo da arte para evidenciar os perigos da vulgarização no processo educacional:

Assim como uma sinfonia tocada por uma orquestra incompetente, longe de preparar o ouvinte para fruir futuramente a música de boa qualidade, pode deturpar irremediavelmente sua sensibilidade musical, a semi-educação pode obstruir para sempre o acesso da classe trabalhadora à verdadeira educação.

Como afirma Ramalho e Oliveira (2007, p.47) “mesmo nas classes ditas privilegiadas, muitos são incapazes de se dar conta da maior parte dos significados que um enunciado imagético oferece.” A questão da banalização da arte é retomada por Freitag (1987, p. 69) nos seguintes termos:

O consumo de produtos da indústria cultural pela semi-educação, em escolas e mecanismos de divulgação do saber (revistas, Best-sellers, fitas, vídeos e tevê) não somente nivelam por baixo [...] mas podem até mesmo produzir obstrução definitiva dos canais de percepção da verdadeira educação e da educação autêntica.

Acredito que enquanto professores de arte, devemos fazer de cada aula uma aventura, onde a busca de sentido a partir do conteúdo proposto será o exercício da intuição, do olhar diferenciado, individual e autêntico, vislumbrando em cada atividade uma apropriação em forma de processo de construção de conhecimento e aprendizado eficiente, de forma lúdica e interessada, prazerosa.

Para Gillo Dorfles (1987, p.25), “toda a nossa capacidade significativa, comunicativa e fruitiva é baseada em experiências vividas – por nós ou por outros antes de nós – mas de qualquer modo, feitas nossas”.

Essa apropriação de símbolos e signos, essa construção interna de sentidos é que possibilita a compreensão e a assimilação dos conteúdos apresentados e propostos pelo professor em sala de aula, fazendo de cada aula de arte uma viagem ao mundo da imaginação e da criatividade.

Durante as propostas de atividades, o professor deve estimular o manejo de técnicas e materiais, assim como a exploração de novas possibilidades com materiais alternativos, aguçando o olhar crítico e criativo dos estudantes, a identificação com linguagens da arte e a busca e o encontro com o estilo pessoal de cada um.

No jogo da criação, no dizer de Luigi Pareyson (1989, p.32), a arte é “um tal fazer que, enquanto faz, inventa o por fazer e o modo de fazer”

Através da experimentação é que novos caminhos e formas de representação são descobertas, trazendo inovação, diferenças e novidades em termos criativos. Valores que com a interferência dos estereótipos não são possíveis, pois são relegadas a um segundo plano; muitas são as desculpas: a aula tem apenas quarenta e cinco minutos, não temos materiais disponíveis, nem sala de artes, os alunos não trazem os materiais pedidos pelo professor... e assim a lista é interminável, quando na verdade o que se busca é uma formação do professor, que deve estar sempre em constante processo de busca de aprendizado, de soluções, deve ser um alquimista, um mago, um pesquisador de formas de representação do sensível, com aquilo que tiver à mão, disponível. Não precisamos de materiais de alta qualidade para ministrar aulas de arte, mas a construção de propostas que

viabilizem e despertem a curiosidade e a vontade de resposta por parte dos estudantes, tornando a aula de arte, como eu já disse, um encontro sempre esperado com alegria.

Através da disciplina de arte podemos ampliar olhares e redirecioná-los para as questões sociais mais relevantes, que realmente nos afetam no dia a dia, como o consumismo desenfreado e impensado, a desvalorização do que não é midiaticamente veiculado, o afastamento e o desinteresse por experiências que possam efetivamente trazer conhecimentos, saberes, crescimento pessoal e coletivo. O direcionamento normativo provocado pelos estereótipos empobrecem as aulas de arte, deixando-a monótona, enfadonha e aí é que entra o professor/pesquisador, aquele que vai atrás de produções nacionais e estrangeiras, aquele que, juntamente com os alunos, busca um outro significado para o mundo a sua volta, uma forma de transformar, mudar, criar, participar e sobretudo, como cidadão, ensinar o que é ser em uma comunidade. É ter vez e voz, ser participante, assumir uma identidade única e coletiva ao mesmo tempo.

Sabemos muito bem que o desconhecido, o novo, pede um olhar mais apurado e curioso, mudança de preceitos e paradigmas, uma nova forma de se perceber e, é com essa mentalidade, acredito eu, que o professor de artes deve ter sempre como missão, a educação do olhar, a sensibilização deste olhar, comover, provocar, mostrar caminhos e formas de experimentação da realidade, pela ação, e pelo contato direto com a natureza. A experiência como principal caminho para o aprendizado e a realização pessoal do aluno.

4. CAPÍTULO III

EDUCAÇÃO ESTÉTICA

4.1 OLHAR ESTÉTICO

Se pensarmos sobre como anda a nossa educação em termos estéticos, o panorama é desolador, pois não somos educados para a apreciação do diferenciado, do novo, tal é o estranhamento que esse olhar provoca, que nos assusta e afasta do território desconhecido, e cada vez mais a indústria da comunicação nos imbeciliza com imagens distorcidas da realidade, nos oferecendo uma forma distorcida de percepção de mundo.

Somos adestrados para olhar pra tudo com uma lógica calculista e materialista, sem a participação do sensorial em nenhum momento, apenas se o percebido nos é familiar e se pode ser utilizado de alguma maneira lucrativa e imediata por nós. Temos sempre em mente a mania de querer dominar e controlar tudo, não percebendo a força dos fenômenos da vida cotidiana, seus sinais e sintomas.

Assim, tudo teria que ter uma função, uma utilidade para a nossa fome insaciável de novidades. Duarte Jr. (2001) esclarece como essa lógica instrumental tem transformado nossas mais cotidianas atividades, desestimulando qualquer refinamento de nossos sentidos, fazendo-os mesmo regredir a níveis grosseiros. Ilustra esta realidade afirmando:

[...] nossas casas não expressam mais afeto e aconchego, temerosos e apressadamente nossos passos cruzam os perigosos espaços de cidades poluídas, nossas conversas são estritamente profissionais, nossa alimentação feita às pressas e de modo automático, entopem-nos de alimentos insossos, contaminados e modificados industrialmente, nossas mãos já não manipulam a natureza, espigões de concreto ocultam os horizontes, os odores que sentimos vêm dos esgotos, de chaminés de fábrica e de depósitos de lixo, e em meio a tudo isto, trabalhamos de forma mecânica e desprazerosa até o stress. (p.18)

Deixamos de olhar demoradamente, de sentir o cheiro das coisas, de escutar o canto dos pássaros, de tocar delicadamente nos outros e nos objetos do cotidiano, vivemos desagradados com a nossa desorientação e descaso quanto ao resto do mundo e com a natureza. Natureza essa que, há muito já se tornou exterioridade para a nossa vida tão atribulada e ao mesmo tempo vazia de sentidos.

Outro aspecto que percebo agravar-se é o afastamento da experiência, essa maravilhosa aventura da descoberta, de relação e ação como forma de aprendizado,

já que tudo nos é fornecido como definitivo, pronto e gratuito, sem a necessidade ou a possibilidade de crítica ou questionamento.

Como nos diz Jorge Larrosa Bondía (2002, p.24):

A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço.

Ouvi semestre passado, em sala de aula, na disciplina de Cinema e Educação, no dizer de alguns colegas que cinema bom é aquele em que a gente não precisa pensar; dublado, cheio de clichês, abordando temas corriqueiros e já conhecidos da grande maioria. Mero entretenimento, sem nenhuma provocação ou exercício imaginativo, apenas preenchimento do tempo ocioso, que a meu ver, deveria ser recheado de lazer de algum valor estético. Assistir a uma produção cinematográfica diferenciada demanda atenção e repertório ampliado, ou no caso, um enriquecimento desse mesmo repertório, através do contato com novos conteúdos e culturas. Gostaria também aqui de concordar com Meserani (1986), quando afirma que repertório é:

Numa simplificação conceitual, repertório ou subcódigo é o arquivo dinâmico de experiências reais ou simbólicas de uma pessoa ou grupo social [...] tem recorrência no conceito de memória, de imaginação e, em última instância, no de conhecimento. Mas é importante ter sempre presente o aspecto dinâmico desses conceitos. Assim como repertório, a memória, a imaginação e o conhecimento não são arquivos mortos, passivos. (p. 17-18)

Como professores, devemos nos tornar garimpeiros de produções diferenciadas, que nos provoquem os sentidos e a imaginação, fazendo-nos retomar a nossa identidade, tanto individual quanto coletiva.

4.2 - A EXPERIÊNCIA ESTÉTICA

Não entender... mas assimilar. Formação é isso, fazer de algo carne de nossa carne, sangue de nosso sangue. Fazer de várias e intensas experiências estéticas um certo clima interior, um certo modo de olhar a realidade, um certo modo de aprender e de ensinar (Perissé, 2009. P. 49)

Vivemos em um tempo onde o capitalismo tardio tem como seu veículo de sustentação e divulgação a indústria da comunicação mundial, que aliada a políticos retrógrados e conservadores, transformou a arte em algo descartável, desprovida de sua função provocativa, comunicativa e questionadora.

A oferta de bens culturais descartáveis, com prazo de validade já calculado, fabricados do dia para a noite, entope o nosso cotidiano de uma maneira avassaladora. Como a arte foi sempre artigo de luxo segundo os conservadores, agora partimos para o oposto e produzimos verdadeiro lixo cultural para as grandes massas e repetidamente, colocamos no imaginário coletivo essas produções. E é preciso que todos acreditem que é o melhor em termos de experiência estética.

Essa forma de ver o mundo nos tornam superficiais e arredios a toda e qualquer manifestação contrária ao processo de informação massivo, sob o qual somos submetidos diuturnamente, através de diversos veículos de comunicação. Além de nos afastar de uma atitude crítica, seletiva, onde possamos exercitar a nossa autonomia quanto à escolha de gostos e preferências, nos impele a aceitar aberrações nas mais diversas linguagens da arte. Porém, a veiculação frequente e insensata pela mídia institucionalizada, atinge a maioria das pessoas com um poder normativo, nivelador e é também, excludente, pois não aceitar essa imposição, torna-se motivo de preconceito quanto ao estar de fora daquele momento de êxtase, catarse coletiva, inebriada com a novidade, a descoberta, a revelação cultural emergente.

Como artista plástico em exercício há muitas décadas, e, agora, graduando-me para o exercício como professor de arte, inquieto-me com essa vertente que nos diz que todos fazem arte; todo mundo pode ser cantor, músico, artista plástico ou ator de teatro, *performer* ou transitar livremente no mundo das artes, ou como disse Andy Warhol (1968): "No futuro todos serão mundialmente famosos por quinze minutos".

E a partir desse viés, muita coisa é tratada como atraente e digna de virar

conteúdo artístico/cultural para ser difundida em sala de aula, afastando o professor de um de seus propósitos, que é o despertar nos estudantes a capacidade de descobrir, experimentar, criticar, associando a realidade do seu mundo ao seu cotidiano, incitando-os a serem transformadores de seu tempo e de suas próprias vidas.

Novamente evidencio a urgência do professor se tornar, na sua prática, um buscador de garimpeiro de formas significativas de manifestações artísticas, nacionais e estrangeiras e após a sua análise e apreciação, levá-las para a sala de aula e submetê-las à apreciação e fruição dos estudantes, enriquecendo o seu repertório com o diferenciado, com o trabalho elaborado e rebuscado de quem sabe que fazer arte é uma responsabilidade para consigo mesmo e para com o mundo. É criar sentidos, indicar caminhos, revelar mundos e abrir portas.

4.3 A EDUCAÇÃO DO SENSÍVEL

Primeiramente, o que é o sensível no sujeito? É uma característica de fragilidade ou o conhecimento e o uso de seus sentidos de uma maneira intensa e apurada? Durante muito tempo e até os nossos dias somos impelidos a acreditar que pessoas sensíveis são desprovidas de qualidades para exercer ocupações profissionais que exijam apenas a obediência cega, o seguir as regras e o não questionamento nas funções atribuídas a elas.

Certamente esse não pode ser o perfil de um professor de arte, responsável pela identificação e provocação do despertar dos sentidos nos seus alunos, condição essencial para que aconteça o processo criativo, mas também a crítica, a reflexão e a autonomia, elementos indispensáveis para o aprendizado e o desenvolvimento do sujeito como ser social. Schmidt (2007, p.247) afirma que: “Educar esteticamente é dar legitimidade a fenômenos como a criação do novo, a abertura ao diferente, a recusa de dicotomias e percepções fragmentadas, a extinção do estereótipo, de juízos ou julgamentos pré-concebidos. É ainda a recusa da impressão da “mesmice”, da “rotina”, de que “todos os dias são iguais aos outros”, visando uma percepção que seja cada vez mais capaz de sentir o frescor da vida e de suas qualidades sensíveis – visão das partes”.

Sensibilizar significa renovar o olhar sobre o mundo a nossa volta, reconhecendo padrões plásticos, sonoros, corporais, cheiros e impressões que normalmente deixamos passar despercebidos. É olhar o mundo e a vida com olhos de ver, ouvidos de escutar e mãos que toquem que sintam texturas, formas, é uma aproximação significativa com a vida real.

O refinamento de nossas percepções promove uma abertura ao desconhecido, ao diferenciado e nos enriquece e educa no que diz respeito à natureza e ao sentido da existência; deixamos de ser meros espectadores da vida, para sermos participantes de todo este processo mágico pelo qual ela nos conduz durante a nossa trajetória. Segundo Veiga (2000, p. 404):

Educar os sentidos e torná-los ativos por meio do desenho, da música, do teatro e da dança na educação popular é o objetivo fundamental da educação estética na formação integral da criança. É necessário, para isso, o exercício afetivo das práticas artísticas na escola, seja na decoração da sala de aula, na execução de programas didáticos, nas realizações de

exposições, nas apresentações, em festas, na comemoração das datas nacionais.

A necessidade de desconstrução da visão do mundo como objeto, e sim a apreciação e fruição deste em termos sensoriais, descobrindo seus significados e seus códigos, aproximando o estudante da natureza e da vida real, como um retorno à sua essência, comovendo-se com os fenômenos e interagindo como participante dessa grande vida pulsante que nos hospeda no planeta. Que não olhemos o mundo à nossa volta apenas como algo a ser conquistado, dominado, explorado em termos materiais, mas sentido, apreciado, respeitado como o único local que temos para viver em harmonia com todas as formas que dividem conosco essa dimensão.

5. CAPÍTULO IV

METODOLOGIA

Nos encontros para orientação desse Trabalho de Conclusão de Curso, fui instigado e inspirado por minha orientadora a realizar a pesquisa sobre o meu tema/problema, organizando um encontro no qual eu e mais seis educadores que tiveram experiências de regência com o ensino médio, relatam os pontos que acharam relevantes quanto ao quesito estereótipo. Utilizarei para tanto o procedimento metodológico chamado de espaços de narrativa. Que segundo Honorato (2008, p.114) “a criação de espaços de narrativas se abre para a criação de espaços de troca, linguagem e produção de sentidos”.

Como objetivo geral da pesquisa quero perceber junto aos professores de arte quais os caminhos possíveis para atenuar os efeitos dos estereótipos nas produções artísticas dos estudantes do ensino Médio da região do extremo sul catarinense. E como objetivos específicos, perceber os estereótipos nos professores e nos alunos através do relato dos professores. Fazer uma proposta de curso, envolvendo análises e fruição de produções desconhecidas do grande público, nacionais e estrangeiras, de elevado padrão estético e artístico, desenvolvendo o espírito de pesquisador no professor.

A pesquisa se insere na linha de pesquisa Arte e Educação do Curso de Artes Visuais. Quanto à natureza é básica e quanto à abordagem, é qualitativa, pois analisa palavras e atitudes, envolverá o pesquisador no processo, gerando ideias, questões e categorias a serem registradas e analisadas. Creswell, (2007, p.184) define pesquisa qualitativa como:

A investigação qualitativa emprega diferentes alegações de conhecimento, estratégias de investigação e métodos de coleta e análise de dados [...]. Os procedimentos qualitativos se baseiam em dados e usam estratégias diversas de investigação.

Objetivando perceber a presença do estereótipo nas produções artísticas dos estudantes de Ensino Médio da região do extremo sul catarinense busco ouvir os relatos de professores de arte que atuam com estes alunos nesta região.

Para organizar a coleta de dados convidei seis professores de arte conhecidos meus e que atuam e ou atuaram no Ensino Médio, para um encontro no

dia 04 de outubro de 2012 na sala 04 do Bloco Z, da Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC). O dia estava nublado e aos poucos os professores foram chegando para o encontro. Levei chá, café e alguns salgadinhos assados feitos por minha esposa Angela. A primeira a chegar foi a professora Mariléa Sorato Leal, que graduou-se em 1985 em artes Plásticas, pela FUCRI, hoje UNESC, pós graduada em Arte-Educação em 1987 e é professora de artes na EEEB Cel. Marcos Rovaris em Criciúma/SC. O próximo a chegar ao local do encontro foi o professor de artes Rodrigo Ribeiro de Souza, graduado pela UNESC em 2010, fazendo pós graduação atualmente na mesma instituição e lecionando em uma escola particular, no município vizinho de Içara e no SESI (Serviço Social da Indústria) de Criciúma. Por último chegaram as professoras Maria Luiza de Souza Alberton, Cláudia Mara de Souza Oliveira e Maria Isabel Cardoso Mendonça, todas graduadas em 2010 pela UNESC e atualmente fazendo pós graduação em Educação Estética na mesma instituição. Maria Luiza Alberton trabalha na Escola Especial Caminho da Luz (APAE), no CEIM Mario Pizzetti e no CEIM José Macarini, ambos em Criciúma. Também convidei a professora de artes Julmara Goulart Sefstrom, graduada pela Unesc em 2007, com pós graduação em 2009, e lecionando em duas escolas, uma municipal em Criciúma e outra particular, em Içara; mas nesse dia, Julmara tinha compromisso e não pode comparecer, mas mandou sua colaboração escrita por email no dia seguinte.

Cuido em destacar que os professores optaram, e até preferiram, ser identificados pelos seus próprios nomes, pois assim poderão se reconhecer nas falas e se perceberem co-autores desta pesquisa.

Tive o privilégio de conviver um pouco com eles, ainda em 2009 e 2010 na Unesc, e com a professora Mariléa, durante o meu estágio III, na Escola Estadual Marcos Rovaris, onde esta é a professora de Artes.

Abri o encontro, deixando-os bem à vontade, e expondo meu propósito, apresentando sucintamente a minha proposta de pesquisa, Iniciei com a apresentação de um filme/desenho animado do Anima Mundi⁴ Father and Daughter⁵ com duração de 08min, realizado em tons da cor sépia, é um poema visual de forte cunho emocional e com apurado senso estético. Foi o grande premiado no ano de

⁴ Anima Mundi é o Festival Internacional de animação do Brasil. Um festival que visa informar, educar e entreter utilizando as infinitas possibilidades da linguagem da animação. Em 2012 o Anima Mundi celebra seu 20º aniversário. Ocorre de 21 a 27 de setembro.

⁵ Father and Daughter (Pai e Filha) produção holandesa de 2000, dirigido por Michel de Wit, (06m32s).

2001. A sessão do filme comoveu meus convidados que elogiaram muito a qualidade e a intensidade da produção artística, desconhecida até então para eles.

A seguir eu trouxe o conceito de estereótipo, como forma de instigar os professores convidados a iniciarem o debate entre si, identificando o objetivo da proposta e aprofundar o diálogo a partir da experiência por eles vivenciada. Coloquei algumas questões como pontos relevantes a serem pensados e respondidos para que relatassem as suas experiências vivenciadas em sala de aula com estudantes do Ensino Médio. Eis aqui algumas dessas questões:

- Como identificar a presença do dispositivo estereótipo nas produções dos alunos no Ensino Médio?

- Quais os efeitos percebidos nas produções?

- Quais os prováveis caminhos para a diminuição e eliminação deste modelo nas produções dos estudantes, levando-os a desenvolver um senso crítico mais apurado?

- Como trabalhar essa questão (dos estereótipos nas produções artísticas) e a metodologia que pode ser adotada para que tal processo se realize?

Todo esse diálogo/debate foi gravado pela professora Maria Luiza e transcrito por mim (em anexo). Além disso, a maioria deles me respondeu as questões também por email, me proporcionando uma coleta de dados bem rica em termos de educação em arte.

E é com esse material gravado, transcrito e registrado que construo a análise dos dados de minha pesquisa, visando relacionar os dizeres e as escritas dos professores com a minha intenção e desejo de identificar o estereótipo como nocivo à educação, em qualquer de suas instâncias.

6. CAPÍTULO V

ANÁLISE DE DADOS E DIÁLOGO COM A TEORIA

6.1 IDENTIFICAÇÃO

A repetição de símbolos, signos e outras formas de representação veiculadas incessantemente pelos meios de comunicação, seja através de comerciais, de desenhos animados ou de séries intermináveis que assolam o dia a dia das pessoas, nas produções artísticas dos estudantes, é um sintoma de que os conteúdos abordados na aulas de artes não estão conseguindo suprir a função educativa da disciplina. O reconhecimento desses modelos é o diferencial para o professor estudar e organizar os seus planos de aula e efetivar o caminho proposto pela arte, que é o de desenvolver a sensibilidade, educar o olhar e aproximar os estudantes de uma leitura de mundo dentro de padrões estéticos e que despertem e gerem potenciais criativos e autônomos.

Como o professor percebe, em especial no Ensino Médio, a presença do estereótipo nas produções dos estudantes?

A professora Maria Luiza afirma que é preciso observar o aluno, perceber e participar do processo das produções durante as aulas para então identificar a presença dos estereótipos.

A professora Julmara cita a dificuldade dos alunos na questão da representação em suas produções, diagnosticando a presença de estereótipos tais como: cogumelos, florzinhas com miolo redondo e pétalas arredondadas, bonecos palito, árvores “couve flor”, nuvens, sol com raios, casinha com telhadinho em triângulo. Isso no Ensino Médio!

Já o professor Rodrigo percebeu entre seus alunos produções que demonstram muito a realidade deles, algo próximo do convívio dos alunos, times de futebol, modos de vestir, vícios, tudo isso colocado direta ou indiretamente nas produções artísticas. Como ponto positivo percebeu que existe a preocupação pessoal com a produção, sendo que não fica visível na sala de aula alunos produzindo para outros colegas, cada um cuida de sua produção.

Arnheim (1969) alerta-nos para como os nossos olhos foram reduzidos a instrumentos para identificar e medir, e assim sofremos de uma carência de ideias traduzíveis em imagens, o que nos predispõe a certa incapacidade de descobrir

significados no que vemos. Denuncia a prisão de nossa imaginação, comprometida pelo condicionamento racional de nosso olhar, por uma lógica positiva de assimilação e reprodução dominante na sociedade ocidental.

6.2 RECORRÊNCIA DO DISPOSITIVO ESTEREÓTIPO

Transcrevo a seguir o que alguns dos professores convidados desta pesquisa disseram sobre a recorrência, ou seja, a repetição de modelos estereotipados nas produções de seus alunos.

Trata-se do fenômeno que Almeida (1994, p.27) denomina, metaforicamente de “infância cultural”: um conjunto de estados sociais e psicológicos onde se verifica a relação com produtos da indústria cultural de maneira singela, repetitiva e onde há sempre o desejo de ver e ouvir as mesmas proposições, formas ou modelos estéticos. Compreende também a rejeição a dados culturais que demandem esforço para o seu entendimento, sensibilidade ou atenção, bem como a busca de segurança na opinião de agentes socialmente autorizados, ou seja, a sanção institucional, como a da crítica e a do mercado.

Maria Luiza nos diz que quanto à recorrência do estereótipo, as produções são sem senso crítico, automatizadas, sem significado, pois em produções assim, o aluno não usufrui de sua criatividade, de suas vivências, apenas desenha algo já imposto, repetido tantas vezes que acaba perdendo o sentido. O próprio aluno acaba se transformando em um estereótipo.

Rodrigo aponta a dificuldade em querer retirar bruscamente essa característica das produções dos alunos, pois além de provocar uma visão limitada, a maioria não se interessa na busca de um outro olhar sobre o mundo.

Julmara afirma que os estereótipos deixam a produção dos alunos “pobres”, ou seja, acabam ficando umas muito parecidas com as outras, sem retratar a individualidade e identidade dos alunos. Quando me deparei com os desenhos de meus alunos do 1º ano do Ensino Médio pensei: nossa, a maioria aqui faz desenhos que nem mesmo meus pequenos alunos das séries iniciais fazem mais.

Faço minhas aqui as palavras de Stuart Hall (1993, p.353), quando afirma:

Já que a diversidade cultural é, cada vez mais, o destino do mundo moderno, e o absolutismo étnico, uma característica regressiva da modernidade tardia, o maior perigo agora se origina das formas de

identidade nacional e cultural – novas e antigas – que tentam assegurar a sua identidade adotando versões fechadas da cultura e da comunidade e recusando o engajamento... nos difíceis problemas que surgem quando se tenta viver com a diferença.

Dentro dessa visão europeia, branca e masculina de comandar a humanidade, fica muito difícil para o jovem estudante negar essas imposições, insensatas e veiculadas como a forma ideal de vida e representação da realidade. Só que isso nega a diversidade em todas as suas origens, elimina a diferença e provoca uma visão unilateral e radical em termos culturais, reduzida mesmo. O jovem chega a envergonhar-se de sua condição diferenciada do ideal propagado pela indústria da comunicação, pelos seus diversos veículos, afastando-o de seu mundo e de sua verdadeira cultura, eliminando quaisquer vestígios de identidade.

6.3 ATENUÂNCIA (CAMINHOS)

Quais os melhores caminhos a serem seguidos para a diminuição ou a eliminação dos estereótipos nas produções dos alunos do Ensino Médio, segundo a opinião dos professores participantes dessa pesquisa? A atenuância é a possibilidade de diminuição da influência do dispositivo estereótipo nas produções dos alunos, as medidas possíveis para que tal quadro possa ser transformado por abordagens metodológicas e estratégias pedagógicas diferenciadas no ensino da arte.

Maria Luiza diz que fazer o aluno gostar do que está fazendo, fazer com que o aluno acredite e reconheça seu potencial, esse é um caminho longo, mas cheio de recompensas; é preciso fazer exercícios de experimentação com diversos materiais, técnicas e suportes, apresentar as diversas formas/linguagens de arte, fazer o aluno pensar/acreditar que no fazer artístico o belo, o feio, o certo e o errado variam conforme o ponto de vista. Isso é dar liberdade de traço, destreza para criar, sem limitações! É oxigenar as ideias!

Rodrigo afirma que os prováveis caminhos para a diminuição e eliminação deste modelo nas produções dos estudantes, levando-os a desenvolver um senso crítico mais apurado, se dá a partir da ampliação de repertório, sendo que a escola é

uma forte aliada nesse trabalho. Que devemos sempre propor novas soluções, novos fazeres, proporcionando aos alunos um banco de dados sempre renovado.

Julmara nos alerta que para diminuir os estereótipos, o professor precisa pesquisar e muito, oferecendo aos alunos imagens diferenciadas, especialmente modernas e contemporâneas, que ampliem o repertório cultural e artístico dos alunos para além da arte acadêmica e das produções de artistas historicamente consagrados. Ela se vale da própria presença dos estereótipos nas produções dos alunos, fazendo-os reconhecer e acreditar que isso pode ser superado. Reconhecida a presença dos estereótipos pelos estudantes, a próxima etapa é trilhar caminhos para que eles se tornem mais críticos e desenvolvam um percurso pessoal de criação. Gostar de mostrar diferentes imagens artísticas, de diferentes artistas e de diferentes épocas.

Desse modo, os alunos podem perceber que um mesmo tema pode ser retratado de forma diferenciada e que não existe uma única maneira de representar um mesmo assunto (uma pessoa, uma árvore, um rosto, etc). Depois da apreciação de imagens, propõe fazeres artísticos como desenho de observação, como ferramenta de extrema importância. Pede que os alunos percebam as linhas, as texturas, as formas.

Outra atividade que gosta de propor é o desenho a partir de fragmentos de imagens. Cada aluno escolhe imagens significativas para si, recorta e desenha parte delas, mesclando-as e criando desse modo uma produção diferenciada. Fez esse trabalho com alunos do 1º ano do Ensino Médio e os resultados foram recompensadores. Deixa que usem papel carbono ou transparência, pois, afinal, nem todos conseguem desenhar livremente sem estes recursos. Hoje em dia muitos artistas usam as tecnologias digitais para a produção de suas imagens, por que não possibilitar isso aos alunos também?

A professora Claudia Mara nos fala do diferente, provocar um olhar diferente no aluno. No Ensino Médio nos diz que trabalhou a Arte Cotidiana. Como às vezes passamos por um lugar e não notamos o entorno, a não valorização do nosso cotidiano e da nossa realidade local. Quando vamos a outro lugar, reparamos em tudo e quando estamos em nossa cidade, deixamos tudo passar batido. Em seu estágio no Ensino Médio, trabalhou outdoors, que não deixa de ser uma expressão artística. Na época, lembra ela, o Joelson Bugila, um artista cricumense, estava começando a pintar os muros, fazendo intervenções, no bairro Michel e no centro da

cidade, alterando o olhar sobre a paisagem urbana. Isso começou a três anos e ainda está lá; propôs aos seus alunos produções artísticas como a criação de outdoors, valendo-se de temas como a música, etc.

Ramalho e Oliveira (2006, p. 43) afirma que:

Mas o que hoje se verifica, na maioria da população brasileira, é o distanciamento causado por uma espécie de estranheza que provocam os sistemas estéticos que encerram certo nível de complexidade ou uma lógica diferenciada da língua natural, complementado com coerência, pelo consumo irrefletido de formas estéticas de fácil digestão.

A partir desses relatos podemos vislumbrar a importância da formação do professor, a pesquisa contínua sobre a sua área de atuação, pesquisa e descobertas como o seu objetivo de vida, atento ao mundo e às mudanças, cada vez mais rápidas, exigindo dele constante atualização, humildade e empenho. Curiosidade e fascínio também fazem parte desses atributos, pois só assim fará a diferença, como educador e cidadão, tendo como ferramental a linguagem mais encantadora que existe, a arte como linguagem universal.

Para tentar atenuar a recorrência do estereótipo nas produções dos estudantes é que proponho um curso voltado aos professores do Ensino Fundamental da Séries Iniciais da rede Municipal de Criciúma, pois acredito que desde o início do processo educativo, os estudantes devem ter o contato com produções e imagens diferenciadas das veiculadas pela mídia no dia a dia. Isso os ajudará na formação de repertório, estranhamento quanto aquilo que é tido como normal e de boa qualidade estética, mas que não passam de fórmulas comunicativas sem valor relevante em termos artísticos e estéticos, a não ser o estímulo ao consumo, que não é meu tema nesse projeto de pesquisa.

Espero que esse projeto de curso seja um caminho e uma tentativa para minorar os efeitos nocivos das produções em série percebidas nas salas de aula, ou recheadas de símbolos e signos da mídia, nas quais não podemos reconhecer a identidade dos estudantes, algo apenas construído com ideias, modelos e símbolos distanciados do cotidiano e da realidade desses estudantes, sem crítica ou reflexão, empobrecendo as aulas de arte e ocultando o potencial educativo dessa linguagem.

7. PROJETO DE CURSO

TEMA: UMA ARTE DIFERENCIADA

TÍTULO: ONDE ACHASTE ISSO?

JUSTIFICATIVA:

A minha proposta de curso parte de uma possibilidade de levar aos professores de arte das séries iniciais do Ensino Fundamental de Criciúma/SC, o contato com produções artísticas nacionais e estrangeiras, fora do circuito comercial, porém de elevado padrão estético.

Produções que mostram tanto a preocupação com a qualidade, quanto com a mensagem proposta, não apenas o corriqueiro a que submetemos os estudantes, aquilo que comumente é veiculado pela mídia institucional diuturnamente e que acaba afastando o interesse dos alunos quanto às aulas de arte, eliminando a ludicidade, a atenção e a capacidade imaginativa deles.

Mesmo sabendo que alguns dos educadores não tem tempo ou acesso a essas produções, a maioria delas são gratuitas, encontradas em sites abertos ou mesmo em livros, revistas especializadas, etc.

Como diz Schmidt (2007, p.244):

Alimentar estereótipos é, no mínimo, uma ação não educativa. Entretanto, dirigi-los à crianças, a seres ainda em formação, é criminoso do ponto de vista psicológico. Nenhum educador está autorizado a fazer isto, mesmo que tal prática ainda possa ser constatada em nossas escolas.

Justifico essa proposta de curso com a intenção de tentar mudar esse quadro que lá adiante no Ensino Médio se manifesta de forma tão intensa, limitando a criatividade e a expressão dos estudantes. Acredito que estimulando o contato com produções diferenciadas, que estimulem a reflexão e ao mesmo tempo enriqueçam o seu repertório, os professores terão em mãos, ferramental precioso para tornarem as aulas de arte um momento de aprendizado verdadeiro e enriquecedor.

METODOLOGIA

O curso será oferecido para professores de artes das séries iniciais do Ensino Fundamental da Rede Municipal de Criciúma/SC, e ocorrerá em um atelier da UNESCO, cedido pelo departamento de Artes da Universidade.

O curso será gratuito e fornecerá certificado para o professor participante. Além das produções elencadas e apresentadas durante os encontros serão disponibilizadas materiais com referencias teóricos relacionados às produções, assim como debates sobre o material apresentado.

Em todos os encontros serão realizadas dinâmicas com falas e relatos sobre a impressão causada com o contato com essas produções e a possibilidade de serem apresentadas em sala de aula nas escolas onde os professores lecionam.

Acredito que esse enriquecimento de repertório abrirá novos horizontes quanto a questão dos estereótipos percebidos nas produções dos estudantes em sala de aula, pois os professores identificarão com mais rapidez a recorrência do dispositivo. Ao contrário do que se imagina, o diferente sempre dá asas à imaginação, provoca maior intensificação dos sentidos em sua apreciação, já que demanda reflexão e questionamentos, incitando os estudantes a uma análise mais elaborada do conteúdo apresentado.

OBJETIVO GERAL

Buscar a familiarização dos professores com produções diferenciadas e estimular o espírito do pesquisador, que é o grande diferencial no educador, sempre buscando a atualização e o envolvimento com o novo, o diferente, o significativo e o que possa gerar transformação e aprendizado entre os seus alunos, e em si mesmo.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Estimular o contato dos professores com aquilo que não está na mídia institucional;
- Despertar cada vez mais o apreciar e o fazer diferente daquilo já (im)posto em termos de conteúdos;

- Desconstruir a imagem de que aquilo que não está na mídia deve ser desprezado, desqualificado, reconhecendo o que não é estereótipo, sensibilizando-se com a produção diferenciada.

Proposta de carga horária:

Horas-aula:

64h/a, 16 sábados, durante quatro meses.

Horário: das 13h às 17h

Público alvo: Professores de arte da Rede Municipal de Criciúma/SC

EMENTA: Contextualização e práticas no atelier envolvendo atividades de fruição e debate de produções artísticas diferenciadas. Estudo do distanciamento causado pelo estereótipo na questão crítica e reflexiva dos professores e alunos.

REFERÊNCIAS DA PROPOSTA DE CURSO:

ZANELLA, Andréa Vieira, COSTA, Fabíola Cerimbelli Búrigo, MAHEIRIE, Kátia, SANDER, Lucilene, DA ROS. **Educação estética e constituição do sujeito:** reflexões em curso – Florianópolis : NUP/CED/UFSC, 2007.

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sei que a pesquisa não acaba por aqui, pois muitos autores antes de mim já se debruçaram sobre esse tema, tão polêmico e ao mesmo tempo passa despercebido pela maior parte das pessoas. Na vida atribulada que levamos hoje em dia, não temos tempo sequer para algum tipo de lazer, ou atividade que demanda um mínimo de reflexão, de calma e serenidade. Vivemos no automático, como dizem alguns. Mas além de isso nos desgastar, nos afastar de nós mesmos, pois vamos nos transformando em pessoas duras, materialistas até ao ponto de vermos o mundo e as pessoas à nossa volta com essa visão objetiva.

Deixamos de experimentar pequenas coisas, sensações, intervalos, onde o nosso ser se eleva a um nível maior de compreensão da existência e somos forçados a acreditar que algo errado está acontecendo conosco. Que a vida pode ser mais leve, mais interessante, mais rica em termos sensoriais e criativos.

Cito Schmidt (2007, p.247), quando afirma que:

Educar esteticamente é também a visão do todo, ao dar caminho para a realização permanente de sínteses perceptivas que sejam, ao mesmo tempo, totalizantes e fundamentalmente abertas, pois estamos sempre em processo de devir, educar esteticamente é saber ainda relacionar a visão das partes com a visão do todo, de forma a se ter o poder ou a capacidade de concebê-los tanto separadamente se necessário, quanto em conjunto.

Não tenho com essa pesquisa apenas a intenção de alertar quanto a presença do estereótipo nas produções dos estudantes, mas o quanto ele os prejudica na apreciação e fruição do cotidiano, nas produções artísticas, no relacionamento com os colegas, pois agir segundo formas impostas, com olhares também formatados e dirigidos, provoca nos jovens estudantes uma visão deturpada da realidade e os afasta de uma possível alteridade e relacionamento inclusivo com os colegas. Além de esses modelos impostos não condizerem com a nossa realidade cotidiana.

Esta pesquisa objetivou também pensar a concretização dos desafios de trabalhar arte e os seus códigos, como diz a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (9394/96), transformando as aulas de arte cada vez mais significativas ao olhar dos estudantes, dos professores e de toda a sociedade. Também acredito em uma possível melhora na avaliação dessa disciplina nas escolas e no próprio imaginário social.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, M. J. **Imagens e Sons: a nova cultura oral**. São Paulo, Cortez, 1994.

ARNHEIM, R. (1969). **Visual thinking**. Berkeley: University of California

BARBOSA, Enio Rodrigo. **Andy Warhol: um ícone do século XX**.
http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252010000200025
 Acessado em 11/Nov/2012

BONDIA, Jorge Larrosa. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência**. Rev. Bras. Educ. [online]. 2002, n.19, pp. 20-28. ISSN 1413-2478.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: arte**. Brasília: MEC/SEF, 1997. 130 p.

CRESWELL, John. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**. Tradução de Luciana de Oliveira da Rocha. 2.ed. Porto Alegre: Artmed, 2007

DORFLES, Gillo. **O devir das artes**. Lisboa: Martins Fontes, 1987.

DUARTE JR, J. F. **O sentido dos sentidos: a educação (do) sensível**. Curitiba/PR – Criar Edições, 2001.

DUSCHATZKY, Sílvia. SKLIAR, Carlos. O nome dos outros. Narrando a alteridade na cultura e na educação In: **Habitantes de Babel: políticas e poéticas da diferença**. Belo Horizonte. Autêntica, 2001.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. Lisboa: Relógio d'Água Editores. 1997

FREITAG, B. **Política Educacional e Indústria Cultural**. São Paulo, Cortez/Autores Associados, 1987.

HALL, Stuart. "Culture, Community, Nation". In: Cultural Studies, 3, 1993 LÉVINAS, Emmanuel. **Humanismo do outro homem**. Trad. Pergentino S. Pivatto et al. Petrópolis: Ed. Vozes, 1993

HONORATO, Aurélia Regina de Souza. . A formação de professores (re)significada nos espaços de narrativas In: **Educação e arte :as linguagens artísticas na formação humana**, Campinas, SP :Papirus,2008.

LARROSA, Jorge; SKLIAR, Carlos (Orgs). **Habitantes de Babel: políticas e poéticas da diferença**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

LIPPMANN, W. **Opinião pública**. Tradução e prefácio de Jacques A. Wainberg. Petrópolis: Vozes, 2008. Primeira Edição: 1922. Coleção Clássicos da Comunicação Social.

MESERANI, Samir C. O vizinho da sala ao lado. In: São Paulo: Secretaria da Educação. **Quem quiser que conte outra...** São Paulo: SE/Cenp. 1986

NEALE, Steve. “**The Same Old History: Stereotypes and Difference**”. Screen Education, n32-3, outono/inverno de 1979-80.

PAREYSON, Luigi. **Os Problemas da Estética**, São Paulo, Livraria Martins Fontes Editora, 1989. p. 121.

PERISSÉ, Gabriel. **Estética e Educação**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

RAMALHO E OLIVEIRA, Sandra Regina. . Sobre Leitura de Imagens. In: Andréa Vieira Zanella; Fabíola Cirimbelli Búrigo Costa; Kátia Maheirie; Lucilene Sandre; Silvia Zanatta Da Ros. (Org.). **Educação estética e constituição do sujeito: reflexões em curso**. Educação estética e constituição do sujeito: reflexões em curso. Florianópolis: NUP/CED/UFSC, 2007, v. 12, p. 37-56.

SCHMIDT, Luciana Machado. Para além das dificuldades cotidianas: o desafio da educação estética a partir de situações concretas em sala de aula. ZANELLA, Andréia V.; COSTA, Fabíola Cirimbelli B.; SANDER, Kátia M.; ROSA, Lucilene, ZANATTA, Silvia. **Educação estética e constituição do sujeito: reflexões em curso** (org.). Florianópolis/SC: NUP/CED/UFSC, 2007, p. 231-250

SHOHAT, Ella; STAM, Robert. **Crítica à imagem eurocêntrica**. São Paulo: Cosac & Naify, 2006.

VEIGA, Cynthia Greive. Educação estética para o povo. In: FARIA FILHO; VEIGA; LOPES (orgs.). 500 anos de educação no Brasil. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. Pag. 399-422.

WALKER, Alice. **Prisoners of Image: Ethnic and Gender Stereotypes**. Nova York: Alternative Museum, 1989.

ANEXOS

ANEXO 1 – RESPOSTAS AOS QUESTIONÁRIOS APLICADOS

Maria Luiza:

Como identificar a presença do dispositivo estereótipo nas produções dos alunos, de preferência a no ensino médio;

Isso parece tão obvio pra mim que não sei se entendi certo. é preciso OBSERVAR o seu aluno, perceber e participar do processo das produções durante as aulas, para então identificar a presença do dispositivo estereótipo.

-os efeitos percebidos nas produções;

são produções sem senso crítico, automatizadas, sem significado, pois em produções assim, o aluno não usufrui de sua criatividade, suas vivencias, apenas desenha algo já imposto, repetido tantas vezes que acaba perdendo o sentido. o aluno acaba se transformando em um estereótipo.

Os prováveis caminhos para a diminuição e eliminação deste modelo nas produções dos estudantes, levando-os a desenvolver um senso crítico mais apurado;

É fazer o aluno gostar do que está fazendo, fazer com que o aluno acredite e reconheça o seu potencial, esse é um caminho longo, mas cheio de recompensas, é preciso fazer exercícios de experimentação de diversos materiais, técnicas e suportes, apresentar as diversas formas de arte, fazer o aluno pensar/acreditar que no fazer artístico o belo, o feio, o certo e o errado, Variam conforme os pontos de vista. Isso é dar liberdade de traço, destreza para criar, sem limitações!

É OXIGENAR AS IDEIAS!

Como trabalhar essa questão (dos estereótipos em produções artísticas) e a metodologia que pode ser adotada para que tal processo se realize.

Acredito que se deve tomar muito cuidado; Se os alunos desenharam apenas estereótipos é porque algumas questões neles não estão bem desenvolvidas, e não são questões de habilidades artísticas, de “saber ou não” desenhar, mas é uma questão de confiança, de criatividade... é preciso conquistar e convencer os alunos de que a Arte, vai além de modelos prontos, de coisas que a mídia e a sociedade

nos impõem, a Arte é muito mais do que formulas feitas, a Arte causa, transforma, volta e (re)volta, inovando à tudo aquilo que ela toca.

Sobre metodologia cada professor, cada turma, cada aluno, é muito pessoal...

Rodrigo

A partir do conceito de ESTEREÓTIPO apresentado durante o nosso encontro, gostaria de ter em sua escrita:

- como identificar a presença do dispositivo estereótipo nas produções dos alunos, de preferência a no ensino médio;

No curto tempo que trabalhei com ensino médio, percebi entre os alunos produções que demonstram muito a realidades deles, algo próximo do convívio de alunos, times de futebol, modos de vestir, vícios... Tudo isso colocado diretamente ou indiretamente nas produções. O positivo nisso tudo é que existe a preocupação pessoal com a produção, sendo que não fica visível na sala alunos produzindo para outros colegas.

-os efeitos percebidos nas produções;

- os prováveis caminhos para a diminuição e eliminação deste modelo nas produções dos estudantes, levando-os a desenvolver um senso crítico mais apurado; Com certeza a diminuição de estereótipos se dá a partir da ampliação de repertório, sendo que a escola é uma forte aliada nesse trabalho.

- como trabalhar essa questão (dos estereótipos em produções artísticas) e a metodologia que pode ser adotada para que tal processo se realize. Creio que a pior forma é querer retirar bruscamente, na verdade sabemos que existe o estereótipo devemos propor sempre novas soluções, novos fazeres, proporcionando aos alunos um banco de dados sempre renovado.

Julmara

A partir do conceito de ESTEREÓTIPO apresentado durante o nosso encontro, gostaria de ter em sua escrita:

- como identificar a presença do dispositivo estereótipo nas produções dos alunos, de preferência a no ensino médio;

Tive poucas experiências de trabalho com Ensino Médio. A primeira delas foi no ano de 2006, por ocasião de meu estágio de licenciatura em Artes Visuais. Naquela época, não tinha um olhar para o estereótipo, pois eu ainda estava em formação.

Este ano tive a oportunidade de lecionar como professora de Artes para dois primeiros anos de Ensino Médio, duas turmas com 45 alunos cada uma.

Para conhecer os alunos e identificar o modo como eles desenhavam, pedi que fizessem um desenho sobre folha sulfite. O comando era o seguinte: “faça um desenho que retrate um pouco de você, seu cotidiano, suas crenças, seus gostos.” Além de perceber a dificuldade dos alunos, consegui reconhecer nesta atividade diagnóstico a presença dos estereótipos, tais como: cogumelos, Cogumelos, florzinhas com miolo redondo e pétalas arredondadas, bonecos palito, árvores “couve flor”, nuvens, sol com raios, casinha com telhadinho em triângulo.

Eu acredito que uma das maneiras interessantes de identificar os estereótipos no Ensino Médio seja essa: solicitar desenhos que falem sobre o aluno, ou mesmo desenhos com tema livre. Isso, claro, para diagnosticar os estereótipos. A atividade livre não deve ser rotina no planejamento do professor de Artes. Depois de diagnosticar a presença (ou não) de estereótipos, o professor escolherá ações de trabalho para que este fato seja modificado.

-os efeitos percebidos nas produções;

Os estereótipos deixam a produção dos alunos “pobres”, ou seja, acabam ficando umas muito parecidas com as outras, sem retratar a individualidade e identidade dos alunos.

Quando deparei-me com os desenhos de meus alunos de 1º ano de Ensino Médio pensei: “nossa, a maioria aqui faz desenhos que nem mesmo meus pequenos alunos das séries iniciais fazem mais.”

- **os prováveis caminhos para a diminuição e eliminação deste modelo nas produções dos estudantes, levando-os a desenvolver um senso crítico mais apurado;**
- **como trabalhar essa questão (dos estereótipos em produções artísticas) e a metodologia que pode ser adotada para que tal processo se realize.**

Breno, vou responder estas suas questões abaixo:

Eu acredito que inicialmente, é válido discutir sobre o assunto com os estudantes. Quando diagnostico os estereótipos, converso com os alunos, fazendo-os rememorar seus anos escolares desde a mais tenra idade. Eu pergunto: “quem daqui já recebeu desenhos prontos para pintar?” “Quem daqui já recebeu desenhos com nuvenzinhas, solzinho com carinha, árvores e casinha com chaminé?” A maioria da turma levanta a mão em sinal afirmativo. Eu digo aos alunos neste momento que a insegurança no desenhar e a presença de modelos (estereótipos) são frutos destas práticas, e que eles são capazes de transcendê-las.

Também já fiz uma brincadeira interessante. Pedi que vários alunos viessem ao quadro para desenhar uma flor. Depois uma nuvem, uma árvore. Em geral, os desenhos ficam muito parecidos (estereotipados). Eu questiono: “porque isso acontece?” E entro na discussão dos modelos prontos que são recebidos por eles durante a vida escolar. Reconhecer a presença dos estereótipos e acreditar que isso pode ser superado é um dos caminhos iniciais.

Reconhecida a presença dos estereótipos pelos estudantes, a próxima etapa é trilhar caminhos para que eles se tornem mais críticos e desenvolvam um percurso pessoal de criação. Gosto de mostrar diferentes imagens artísticas, de diferentes artistas e diferentes épocas. Deste modo, os alunos podem perceber que um mesmo tema pode ser retratado de forma diferenciada e que não existe uma única maneira de representar um mesmo assunto (uma pessoa, uma árvore, um rosto, etc).

Depois da apreciação de imagens, proponho fazeres artísticos aos alunos, os quais são diferenciados dependendo do projeto, dos objetivos e do tema trabalhado. Desenhos de observação são uma importante ferramenta que utilizo. Peço que os alunos observem, por exemplo, árvores, reconhecendo as linhas diferenciadas de cada uma, a presença de texturas, as formas.

Outra atividade bem bacana que gosto de propor é o desenho a partir de fragmentos de imagens. Cada aluno escolhe imagens significativas, recorta e desenha partes delas, mesclando-as e criando desse modo uma produção diferenciada. Fiz este trabalho com estas minhas duas turmas de 1º ano de Ensino Médio e os resultados foram compensadores. Deixo que usem papel carbono ou transparência, pois, afinal, nem todos conseguem desenhar livremente sem estes recursos. Hoje em dia muitos artistas usam as tecnologias para a produção de suas imagens, porque não possibilitar isso aos alunos também?

Devo ressaltar que os estereótipos podem também estar presentes em outras produções que não o desenho, como por exemplo, na escultura, mas aqui estou enfocando a linguagem do desenho.

Enfim, para diminuir os estereótipos, o professor precisa pesquisar e muito, oferecendo aos alunos imagens diferenciadas, especialmente modernas e contemporâneas, que ampliem o repertório cultural e artístico dos alunos para além da arte acadêmica e das produções e artistas historicamente consagrados.

ANEXO 2 - DIÁLOGOS GRAVADOS

Malu: eu tenho um aluno que ele não pinta, tá? Ele não pinta, ele não usa as cores; fazer o que? Tem gente que não gosta; faz uma jogada de sombra e deu!

Não é porque tu és professor de artes que vais deixar fazer o que eles querem fazer...

Rodrigo: eu tinha um aluno que só usava caneta; só na caneta, daí que eu percebi, e disse pra ele: cara, já que tu não gostas do lápis, e ele deixava bem claro que gostava da caneta, explora outras cores, compra outras cores de caneta; teu

trabalho é muito bom, teu desenho é muito bom, tua produção é muito boa, só que vai na caneta com outras cores;

Malu: Só no preto!

Claudia Mara: E aí tu vais dizer que não, que é errado?

Rodrigo: E aquele cara lá da Bienal, aquele desenhista(aquele que está dando um tiro na cabeça do Papa, do Presidente Bush), qual é o nome dele mesmo?

É bem na linha do que meu aluno gosta de fazer; quando tu vês que um aluno se identifica com alguma linha de algum artista, isso é muito relevante;

O igual e o diferente; é que ele já criou a identidade dele; se fala, que tem se sair do diferente, sair do estereótipo para se criar uma identidade; ele criou a dele.

Rodrigo: é o que eu estou começando a maquinar aqui para pesquisar: essa linha da criança que já se identifica com a arte; quando a criança se identifica com o futebol, o pai leva pro futebol, o pai já leva pra comprar chuteira, bola, leva pra assistir ao jogo, e tudo é voltado ao esporte, ao futebol; e a criança quando se identifica com a arte, desde pequeno, será que o pai guia esse repertório, será que o pai leva?

Eu tinha uma aluna, em Florianópolis do terceiro ano do fundamental que desenhava muito bem, o desenho dela tinha um diferencial e ela dizia que queria ser artista; um dia, a professora perguntou em classe, o que você queria ser, em termos de profissão: médico, advogado, engenheiro e não tinha artista nas opções; a menina foi lá no quadro e escreveu no fim da lista embaixo a palavra artista e marcou com um “x”; sendo que essa menina não tem nenhum repertório vindo da família, tudo o que ela conhece de arte, vem da sala de aula; mas há algo que já está bem forte nela;

Malu: diferente da minha família, nunca tive boneca, tinha bastante lápis de cor e a minha mãe sempre me convidava pra brincar com argila; brincávamos todos juntos, eu e meus dois irmãos, mas só eu que gosto disso; também não é porque cresceu em meio às artes é que vai virar artista ou professor de artes;

Sobre a nova geração:

Malu: não podemos generalizar, mas acredito que todo mundo está caminhando para um consenso de mais atividades, ir para exposições, ir para a Bienal, visitas à FCC; aqui mesmo na cidade, temos a FCC, o SESC, sempre com programação cultural diferenciada, de segunda a segunda; e gratuito;

Claudia Mara: todo dia tem alguma coisa, de segunda a segunda;

É bem diferente de quando eu tive artes;

Malu: Na AMA, na sala dava o maior trabalho, mas eu experimentava com tintas, argila, sujava eles todos, dos pés à cabeça, sempre experimentava pra ver se um dia eles me davam uma resposta. E tinha um que era muito violento nisto: dez anos e era maior do que eu, levava na cara direto, os olhos roxos era normal, se botavam em mim; e aí teve um dia que a gente tava “brincando” com massa corrida, e ele começou a passar nele mesmo e em mim, mas ele me deu uma resposta e eu saí de lá muito feliz; ; era o sensível atuando e não o cognitivo.

Rodrigo: Não existe um padrão certo, todos eles são bons artistas; Siron Franco produz de uma maneira, Nuno Ramos, de outra; existe a tua expressão, o que tu sentes; e eu coloco assim: numa turma nova, eu sempre trago a experiência do Pequeno Príncipe, dos três primeiros capítulos, que é o da jiboia e do elefante: que é bem forte em questão de estereótipo, mostrou a imagem e as pessoas diziam que era um chapéu; e não uma jiboia e aí eu digo pra eles que eu não preciso estar travado no que o outro pensa, esquece o que o outro pensa, pensa por ti e faz por ti;

Mariléa: mas também não adianta cobrar, se a gente não der o suporte pra eles (estudantes);

Malu: fizemos uma oficina de desenho com a Helene Sacco e ela passou vários exercícios pra gente perder aquela coisa de desenhar igual ao outro;

Percebo entre os alunos um medo de desenhar, dessa questão do belo e a questão da arte abstrata, porque pra eles pra ser belo tem que ser o acadêmico.

Claudinha: Ou até o diferente e o olhar diferente; que eu trabalhei no ensino médio a arte cotidiana, como às vezes passamos por um lugar e não notamos o entorno; a não valorização do nosso cotidiano e da nossa realidade local; quando vamos a outro lugar, reparamos em tudo e quando estamos em nossa cidade, deixamos tudo passar batido;

Em meu estágio no ensino médio, trabalhei outdoors, que não deixa de ser uma expressão artística, na época o Joelson Bugilla estava começando a pintar os muros, fazendo intervenções, no bairro Michel e no centro da cidade, alterando o olhar sobre a paisagem urbana. Isso começou há três anos e ainda está lá; propus aos meus alunos produções artísticas, como a criação de outdoors, valendo-se de temas como a música, etc.